



Epistemologies of the Agreste: reflections and constructs of popular knowledge in Agreste

Epistemologias do Agreste: reflexões e constructos dos saberes populares agrestinos

PREMA, Otávio Chaves dos Santos⁽¹⁾; SILVA, Everaldo Fernandes da⁽²⁾; LAGE, Allene Carvalho⁽³⁾; MELO, Maria Aparecida Vieira de⁽⁴⁾

Os autores devem ser identificados de acordo com a indicação abaixo, Georgia 8, os dados devem estar completos e o Orcid válido, com os 16 dígitos conforme indicação abaixo.

(1) 0000-0002-0362-5976; Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, Brazil. premasindhudvs@hotmail.com.

(2) 0000-0002-8974-0878; Universidade Federal de Pernambuco. Caruaru, PE, Brazil. everaldofernandes.silva@gmail.com.

(3) 0000-0002-9936-3033; Universidade Federal de Pernambuco. Caruaru, PE, Brazil. allene Lage@yahoo.com.br.

(4) 0000-0001-6288-9405; Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Caicó, RN, Brazil. m_aoarecida_v_melo@hotmail.com

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

ABSTRACT

This article is the result of a dissertation by Otávio A. Chaves R. Dos Santos, under the guidance of Doctor Allene Carvalho Lage, as well as reflections by the Latin American Philosophy Study Group of the Federal University of Pernambuco - Campus Agreste. Supported by the assumption that there is an epistemology of the populations of the Agreste region of Pernambuco, the authors seek to understand the conditions for the elaboration, organization, languages and production of popular knowledge constructed by men and women in the arts of letters, clay, therapeutic care (blessing and healers) and land cultivation. The present study specifically wants to highlight the structures, dynamics and specific processes of the Epistemologies of the Agreste region of Pernambuco. This study in question is based on the Epistemologies of the South, emphasized, above all, by Santos (1983; 2010), by Fals Borda (1995), Brandão (1994) and by Arroyo (2012). The methodology adopted is of an exploratory nature, coined by the Extended Case method (Lage, 2013) which enabled both the choice of collection tools and the data analysis technique. The results obtained were: a) there is an intimate relationship between the conditions experienced and the elaboration of meanings and knowledge produced by the subjects; b) there is a structural and, at the same time, dynamic and proper framework for producing knowledge of the Agrestinas populations; c) Popular Education is invited to (re)visit itself from the Agrestinas epistemologies that raise other sources, instruments and organizational modes of popular subjects to pronounce their cosmoperceptions and their contributions to a dialogical and critical-transforming education; d) these epistemologies emerge from the daily life lived and reflected from the cycles of nature, the exchange of knowledge and the (self)narratives of native and/or resident social subjects.

RESUMO

Este artigo é fruto de uma dissertação de Otávio A. Chaves R. Dos Santos, sob orientação da Doutora Allene Carvalho Lage, assim como de reflexões do Grupo de Estudo Filosofia Latino-americana da Universidade Federal de Pernambuco - Campus Agreste. Apoiados no pressuposto de que há uma epistemologia das populações do Agreste de Pernambuco, os autores ensinam compreender as condições de elaboração, organização, linguagens e produção dos saberes populares construídos por homens e mulheres da artefaria das letras, do barro, dos cuidados terapêuticos (benzedoras e raizeiros) e do cultivo da terra. O presente estudo quer, especificamente, evidenciar os estruturantes, a dinâmica e os processos específicos das Epistemologias do Agreste pernambucano. Este estudo em questão está fundamentado nas Epistemologias do Sul, sublinhado, sobretudo, por Santos (1983; 2010), por Fals Borda (1995), Brandão (1994) e por Arroyo (2012). A metodologia adotada é de natureza exploratória, cunhada pelo método do Caso Alargado (Lage, 2013) que propiciou tanto a eleição das ferramentas de coleta como a técnica de análise dos dados. Os resultados obtidos foram: a) há uma íntima relação entre as condições vividas e a elaboração de sentidos e saberes produzidos pelos sujeitos; b) há um arcabouço estrutural e, ao mesmo tempo, dinâmico e próprio de produzir conhecimento das populações agrestinas; c) a Educação Popular é convidada a (re)visitar-se a partir das epistemologias agrestinas que suscitam outras fontes, instrumentos e modos organizativos dos sujeitos populares pronunciarem suas cosmopercepções e suas contribuições para uma educação dialógica e crítico-transformadora; d) estas epistemologias emergem do cotidiano vivido e refletido a partir dos ciclos da natureza, da troca de saberes e das (auto)narrativas dos sujeitos sociais nativos e/ou residentes.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:

Submetido: 03/11/2022

Aprovado: 17/07/2023

Publicação: 31/07/2023



Keywords:

Epistemologies of the Agreste de Pernambuco, Epistemologies of the South, Popular Knowledge.

Palavras-Chave:

Epistemologias do Agreste de Pernambuco, Epistemologias do Sul, Saberes Populares.

Introdução

Este artigo é fruto de uma dissertação¹ de Otávio A. Chaves R. Dos Santos, sob orientação da Doutora Allene Carvalho Lage, assim como de reflexões do Grupo de Estudo Filosofia Latino-americana da Universidade Federal de Pernambuco - Campus Agreste. Buscamos compreender e refletir sobre saberes populares e ancestrais como saberes contribuintes para a educação popular, em particular, e para a educação, em geral.

Neste artigo, nosso objeto de pesquisa se refere às Epistemologias do Agreste. Os sujeitos os quais pesquisamos em nosso grupo de estudo são louceiras, parteiras, benzedadeiras; raizeiros, agricultores(as) e coletivos sociais (Hare Krishnas) residentes no agreste pernambucano, mais especificamente na microrregião do Vale do Ipojuca, abarcando a Serra dos Cavalos (Caruaru), a Serra do Ororubá (Pesqueira) e algumas comunidades ribeirinhas ao rio Ipojuca, como as localidades em que residem as louceiras, mulheres mestras na arte do barro (Alto do Moura - Caruaru, por exemplo). Neste artigo, apresentaremos reflexões teóricas, tendo destaque os saberes de alguns desses sujeitos e fragmentos de falas de alguns deles. São fragmentos que foram coletados por meio da dissertação de Otávio A. Chaves R. Dos Santos, que é um dos integrantes do referido grupo de estudo. Na impossibilidade de trazer todas as falas, destacaremos as que consideramos relevantes e que nos auxiliam em melhor depreender os modos de elaboração e os sentidos atribuídos pelos próprios sujeitos às suas cosmovisões, cosmopercepções, que denominamos de Epistemologias do Sul.

A problemática é a seguinte: como compreender teórico e metodologicamente as Epistemologias do Agreste e suas contribuições para a educação popular, em particular, e a educação, em geral, que dialogue com os saberes populares e tradicionais. Neste sentido, o objetivo geral é: descrever e analisar as Epistemologias do Agreste e suas contribuições para a educação popular.

Um ponto de partida destas reflexões brota da relação de empatia com algo que nos toca, que está vinculado à nossa biografia, aos nossos comprometimentos sociopolíticos - elementos que se relacionam com nossa trajetória subjetiva. Esse estudo não surge por acaso, mas, emerge de uma inquietação perante o largo histórico de epistemicídios, de subalternização dos saberes populares, camponeses e tradicionais em nome da ciência moderna, do estatuto normativo em que a razão e o empirismo entronizam-se como absolutos e universais.

É nesse sentido, quando focamos nosso olhar para um recorte geográfico, no nosso caso, para a realidade do Agreste pernambucano, percebemos a presença pujante de saberes

¹ Dissertação intitulada - "Mestras e mestres da oralidade: ensinam-nos os saberes ancestrais da Mãe-Terra" e defendida no Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco - Campus Agreste.

outros que se tecem e constituem-se em uma perspectiva popular e contra-hegemônica. Esses saberes, os quais chamamos de Epistemologias do Agreste, muitas vezes, são invisibilizados pelo Status Quo, pela monocultura do saber. Apesar disso, são saberes que podem transformar realidades, pois suas tessituras se voltam com potência para uma relação dialógica socioambiental, para transformação social e para a justiça cognitiva.

A relação de não indiferença com algo que nos toca é fundamental em uma pesquisa no campo da educação. Quem vive não pode deixar de ser cidadão(a) e tomar posição, já que indiferença é parasitismo e covardia - não é vida (GRAMSCI, 2020).

Partimos de uma perspectiva teórico-metodológica da educação popular em uma abordagem “sentipensante”. Neste sentido, os pressupostos teóricos desse artigo se fundamentam em uma educação que traga princípios “sentipensantes” como exposto por Orlando Fals Borda (1995) em tecer uma sabedoria vivencial que una o cuidado com a vida e o empoderamento de pessoas dentro de uma contextualização de autonomia que dê possibilidades concretas de superação dos problemas sociais e planetários mais urgentes de nossos tempos, formando redes de contrapoderes alternativos às lógicas individualistas e de separação epistêmica entre seres humanos e a natureza, que acabam por fazer uma construção objetual da vida, da transformação de tudo (seres humanos, natureza) em objetos de consumo presos em lógicas desmedidas de exploração e produtividade.

Reflexões teóricas

Contrapondo à lógica produtivista, os princípios sentipensantes contribuem para a perspectivas outras em relação ao mundo e à educação. Assim, tendo em vista as problemáticas contemporâneas como: o preconceito, intolerância, violências em relação às diferenças, proselitismos, imposição religiosa em nome da uma verdade única, assim como a degradação constante do meio ambiente, entre outras violências da atual crise ética e planetária; em nossa atuação docente pretendemos abrir perspectivas que possam mostrar alternativas para as problemáticas da destruição da natureza e das inferiorizações e hierarquizações epistemológicas presentes na monocultura do saber (Santos; Fernandes; Nicolau, 2021).

Visualizamos a importância da superação da monocultura do saber, mediante a ecologia dos saberes em uma perspectiva da construção de uma epistemologia alternativa, invisibilizada para o pensamento hegemônico, mas dentro do pensamento “pós-abissal” da ecologia dos saberes, atuando dentro de uma “interação entre saberes científicos e outros saberes” (Santos; Fernandes; Nicolau, 2021).

O contributo de Fals Borda e suas reflexões sobre investigação/ação participante - sua pedagogia da práxis, servem-nos de embasamento. Em suas críticas ao modelo epistêmico eurocêntrico, o autor nos sugere que os horizontes de mundo e sabedorias das populações pré-

colombianas e orientais - caracterizadas por ele como “sentipensantes” - trazem contributos para a superação de problemáticas como as explorações dos seres humanos e da natureza (Santos; Fernandes; Nicolau, 2021).

Ele sugere uma compreensão de práxis - combinação dialética de prática e teoria em que a prática é determinante, mas está sujeita ao bom juízo, aos saberes herdados e ao senso prático da vida, porém, sem imediatismos pragmáticos - que atua com base em experiências vivenciais diferenciadas estimulando a participação popular, sublinhando um projeto de “ciência social comprometida”, em que as classes populares podem participar e serem protagonistas sociais do processo de construção de saberes, razão e poder. O autor reflete:

A proposta do compromisso renovado de hoje se alimenta de um tipo de conhecimento vivencial útil para o progresso humano, a defesa da vida e a cooperação com a natureza. Aqueles de nós que querem construir esta proposta falam de participação cultural, econômica, política e social a partir das bases, da construção de contrapoderes populares mediante processos educacionais adequados, da proclamação de regiões autônomas e do ensaio de um federalismo libertário. Ainda podemos aprender muito das formas sentipensantes de criação e defesa cultural, assim como das táticas de resistência secular de nossos grupos de base. São formas e táticas que podem servir para que todos conjuntamente enfrentemos com êxito a época de graves perigos em que nos coube viver (Fals Borda, 1995, *apud* Carrilo, 2010, p. 368-369).

Observamos que elementos importantes na prática sentipensante e que podem contribuir no campo educacional caracterizam-se pelo comunitário, pela valorização da memória por meio da ancestralidade, portanto, pela oralidade, também pelas relações de troca, de diálogos que permitem diferentes saberes advindos das experiências da vida, bem como um modo próprio de elaborar as linguagens e inferências.

Assim, os pressupostos teóricos e os marcos compreensivos desse artigo buscam adentrar as compreensões e os modos de construção das leituras de mundo que as populações do agreste de Pernambuco desenham suas linguagens, afiguram suas interpretações e performances de enfrentamentos das vicissitudes da vida, como elas se apresentam e se impõem diuturnamente. Ademais, como essa epistemologia produzida por estas populações nativas contribuem, possivelmente, para as releituras da Educação Popular na contemporaneidade em que permite um sentipensar que aglutina e articula diversos saberes, sensibilidades, sentidos e senso prático das coexistências humanas.

Trilha metodológica

Nossos pressupostos teóricos são construídos a partir de metodologias vivenciadas e orientadas pelas epistemologias do sul em que os sujeitos e os processos de elaboração de sentidos considerados periféricos e invisíveis adquirem cidadania e pertinência epistemológica. Então, trata-se do empoderamento dos sujeitos subalternizados, com vista a uma reflexão sobre a educação a partir da cultura e dos saberes populares, em uma relação

horizontal entre a academia e os saberes outros que são produzidos por diversos sujeitos e coletivos, com vistas à formação cidadã, pluriversal e política.

A escolha de nosso grupo de estudo por pesquisar esse objeto é política e visa analisar um contexto aonde há desigualdades, no caso específico, há sujeitos invisibilizados. Como educadores(as), essa é uma tomada de posição e, ao nosso modo de ver, tomar posição é implicação ético-política, epistemológica e pedagógica.

Tomar posição não significa que não nos distancia. Nesse artigo e em nossas discussões fazemos o distanciamento de um olhar viciado da pesquisa científica. Obviamente, esse distanciamento não tem relação com neutralidade. A neutralidade é um mito. Não há possibilidade de se fazer uma pesquisa sem estar conectado a ela por meio de algum nível/dimensão de nossa existência. Então, partimos do pressuposto de que não existe neutralidade. Apesar disso, é importante refletir sobre como não se envolver tanto e operar o distanciamento necessário de modo que a produção, em termos de conhecimento, não seja o que nós já sabemos, mas que, de fato, seja um novo conhecimento a respeito de alguma expressão daquela realidade que nos ocupamos em investigar. Vemos como fundamental fazer um movimento de estar ligado à pesquisa, entretanto, ao mesmo tempo, que essa ligação não impeça de produzir um conhecimento a respeito daqueles aspectos que estou ocupado em investigar. Enquanto pesquisadores(as) trabalhamos na fronteira entre o estranho e o familiar (Da Matta, 1987).

Pesquisa Qualitativa

A partir do que foi dito, vale destacar que pesquisamos objetivando aprender com as vivências e experiências, assim como enriquecer o aprendizado, por meio do encontro da teoria com a realidade. Assim, optamos por uma abordagem qualitativa, de modo que as pesquisas possam contribuir para ampliar o conhecimento sobre as questões relacionadas à educação, saberes populares e Epistemologias do Agreste.

Método da pesquisa

Para desenvolver nossas pesquisas no Agreste pernambucano utilizamos o método do caso alargado. Segundo Boaventura de Sousa Santos (1983), este método foi desenvolvido pela antropologia cultural e social e suas potencialidades no âmbito da sociologia começam hoje a ser reconhecidas. Tal método foi utilizado pelo autor na pesquisa em que ele realizou no ano de 1983 em Recife, tendo como objeto de estudo o caso da favela Skylab. Para Santos (1983):

Ele opõe à generalização positivista, pela quantidade e pela uniformização, pela generalização pela qualidade e pela exemplaridade. Em vez de fixar a quantidade de

casos (observações) adequada, o método de caso alargado escolhe um caso ou um número limitado de casos em que se condensam com particular incidência os vetores estruturais mais importantes das economias interacionais dos diferentes participantes numa dada prática social setorial. Em vez de reduzir os casos às variáveis que os normalizam e tornam mecanicamente semelhantes, procura analisar, com o máximo de detalhe descritivo, a complexidade do caso, com vista a captar o que há nele de diferente ou mesmo de único (Santos, 1983, p. 11).

A riqueza do caso não está no que há nele de generalizável, mas sim, na amplitude das incidências estruturais que nele se denunciam por meio da multiplicidade e profundidade das interações que o constituem. Assim, esse método propõe o salto da imaginação sociológica entre o mais detalhado e minucioso e o mais geral e indeterminado. Não há isolamento dos fatos do contexto de sentido em que ocorrem e é por isso que privilegia o registro das práticas linguísticas em que, em grande medida, se manifestam as economias interacionais e se delimitam as regiões de significação (Santos, 1983).

Delimitação e local da pesquisa

A pesquisa que socializamos por meio desse artigo foi desenvolvida na mesorregião do Agreste pernambucano. É uma grande e importante região, antiga composta por 71 municípios divididos em 6 microrregiões: microrregião Vale do Ipanema; microrregião Vale do Ipojuca; microrregião Alto Capibaribe; microrregião Médio Capibaribe; microrregião Garanhuns; microrregião Brejo Pernambucano.

Existem movimentos sociais e coletivos populares em todos esses municípios. Enquanto delimitação inicial, nosso grupo de pesquisa tem focado na microrregião do Vale do Ipojuca, mais especificamente, abarcando a Serra dos Cavalos (Caruaru) a Serra do Ororubá (Pesqueira) e algumas comunidades ribeirinhas ao rio, como as localidades nas quais residem as louceiras, mulheres mestras na arte do barro (Alto do Moura - Caruaru - por exemplo).

Coleta das fontes empíricas (dados)

Os sujeitos da pesquisa pelos quais coletamos as fontes empíricas de saberes que tecem as Epistemologias do Agreste foram Benzedeiros, Parteiras, Raizeiros, Rezadeiras e Hare Krishnas que vivem - com práticas e saberes ancestrais - na Vila do Murici, zona rural de Caruaru - PE. As fontes empíricas (dados) foram coletadas entre 2016 e 2017. No total foram entrevistados(as) dez sujeitos e essa foi nossa amostra. Nove entrevistas foram realizadas no ano de 2016 e uma, a de um Hare Krishna, realizada no ano de 2017.

Os critérios de escolha se deram, em primeiro lugar, pelos saberes ancestrais e populares que esses sujeitos(as) possuem em seus corações e os partilham de geração a geração. Outro aspecto refere-se à história de luta e resistência, assim como suas formas de

educação popular permeados pela ecologia, já que situam-se em um território de exuberante natureza.

Neste sentido, mais um critério que nos levou a escolher esta experiência refere-se às especificidades do local, que apresenta natureza viva e saberes que se relacionam com a troca entre seres humanos e o lidar com a terra. O Murici é a única região em Caruaru que apresenta Mata Atlântica preservada e um parque ecológico de preservação da natureza - Parque Natural Municipal Professor João Vasconcelos Sobrinho. Essas especificidades fazem da região um santuário ecológico, com grande diversidade biológica e cultural.

O foco de observação e análise para as experiências foram os encontros - entre saberes, grupos sociais e pessoas, o que inclui o contato e interlocução com os sujeitos diversos do campo. Nesta perspectiva, Lage (2013) diz que, a cada encontro, deve-se observar, “além das falas e dos silêncios, os espaços, os atores, as atividades, a atmosfera do ambiente, os comportamentos e os sentimentos” (Lage, 2013, p. 59).

Sendo assim, utilizamos algumas técnicas de coleta das fontes empíricas, de modo a atender as oportunidades de compreensão que os encontros podem oferecer. Entre estas técnicas destacamos a observação participante, as conversas informais, as entrevistas não estruturadas e semiestruturadas e as memórias de vida/oralidade.

As possibilidades de vivências das experiências de campo oportunizadas pelo processo de coleta das fontes empíricas, mais especificamente aqueles que nos levam ao encontro da realidade e suas contradições e lutas sociais, surge como um espaço de aprendizagem acadêmico-político diferenciado.

Quando há uma observação participante ativa, há uma vivência com o lugar, as pessoas e grupos que dele fazem parte. Neste sentido, o saber chegar e estar presente e atento a todos os aspectos, sons, gestos, falas, movimentos, etc. são importantes para que haja uma participação e conhecimento da dinâmica interna da vida da comunidade. Esta técnica de coleta é muito sugestiva para a inserção nessas comunidades camponesas em que a proximidade e a convivialidade são traduzidas como espectros de confiança, de abertura de coração em que o desenvolvimento das falas dá-se com espontaneidade, com transparência, sem modos gerais, superficiais e abstratos que o homem e mulher do campo fazem com bastante propriedade quando querem despistar perguntas que lhe soam estranhas e invasivas.

A observação participante é uma técnica para o trabalho de campo que proporciona grande aproximação com a realidade sociológica. A pesquisa é um caminho para o processo de construção do conhecimento sobre o mundo, assim como do autoconhecimento. Um dos principais instrumentos de investigação é o olhar do(a) próprio(a) investigador(a). Todavia, essa autonomia para construir versões sobre a realidade necessita ser revestida em um nível de dialogicidade com os sujeitos envolvidos, de modo a transformar o olhar unilateral do(a) investigador(a) num olhar democrático e, assim, fazer uma construção partilhada de dados (Lage, 2013).

Registro do campo

O registro de campo é de fundamental importância, pois contribui para reunir todas as informações do campo. É também uma maneira de assegurar uma análise credível das fontes empíricas, já que o campo é lugar de significativas aprendizagens e discursos preciosos. O diário de campo traz experiências ricas pois, a cada momento, no campo, acontecem trocas, aprendizados e reflexões que trazem diversos significados e símbolos que enriquecem a pesquisa. É também um momento de introspecção, de uma viagem interna, trazendo a experiência sensorial para dentro de si e, depois, transformando esse aprendizado em registro escrito.

Epistemologias do Agreste

Um dos achados de pesquisa dentro dos estudos e investigações que estamos desenvolvendo se refere ao conceito de Epistemologias do Agreste Pernambucano; existem epistemologias próprias do Agreste com características próprias em termos de elaboração, organização e linguagens. Em se tratando de elaboração, referimo-nos, especificamente, às origens, aos referenciais fundadores das cosmovisões e de produções de significados de ampliado flanco, alcance e impactos na vida diária. Em relação à organização, é digno de nota o desenho lógico-argumentativo associado às vidas animal e vegetal, além das referências religiosas. Quanto às linguagens, a analogia, os provérbios e o formato sentencial/reflexivo ganham destaques.

Essas características despontam e anunciam que essas epistemologias têm uma organização própria; são extratos de uma sabedoria fomentada por benzedeiros, raizeiros, rezadeiras, agricultores(as), parteiras e hare krishnas, ciganos, indígenas, quilombolas, dentre diversos outros sujeitos e coletivos populares.

A dissertação de mestrado que trouxe esse achado e que o grupo de estudo continua aprofundando consistiu no resultado de uma investigação que teve por objetivo compreender os processos de produção, de vivência, circulação, diálogo e partilha dos saberes tecidos pelos sujeitos diversos e plurais, mestres e mestras da oralidade (benzedeiros, raizeiros, parteiras, rezadeiras, agricultores e hare krishnas) e, especialmente, os residentes na Serra dos Cavalos - Caruaru - PE. Estes sujeitos vivem mediante uma compreensão dialógica com a terra, com a natureza, eivada por compreensões de espiritualidades, porém, sem um contingenciamento religioso formal e doutrinal. Nesta perspectiva, o fio condutor da pesquisa foi a concepção de Mãe-Terra inspirada nos povos originários das américas e do Caribe.

Assim, partimos da perspectiva de que é possível falar de um fazer filosófico e cultural na América Latina: gestos, posturas, visões de mundo carregados de intenso significado para a coletividade, ancestralidade, lutas e resistências. Podemos falar, também, de um fazer filosófico e cultural no Agreste, de saberes produzidos no Agreste, de uma epistemologia do Agreste, de Epistemologias do Agreste. Essas epistemologias leem o mundo a partir de rituais coletivos e populares, nos quais a lógica é da gratuidade, com símbolos que manifestam uma visão de mundo. Lidar com terra exige respeito, caracterizando uma relação de alteridade, de respeitabilidade, pedindo-se licença e não cometendo estupros telúricos, impelidos pela cobiça deploratória similar ao agronegócio (Santos, 2017).

Essas epistemologias se distanciam do sistema vigente, tendo estilos de vida outros, saberes outros, modos outros, pelos quais os sujeitos agem e vivem de maneira diferente do sistema produtivista, trazendo uma perspectiva do bem viver, que é diferente do mero bem-estar. Há uma biblioteca viva, um vocabulário próprio com uma lógica própria, que não é linear, mas, sim, cíclica e se constrói por associações, possuindo focos outros e um jeito próprio de construir e de elaborar saberes e de manter a própria vida. Neste sentido, as Epistemologias do Agreste trazem um saber extraído e construído pela observação da natureza, da vida, sem necessariamente passar por escopos laboratoriais. Traz uma perspectiva de vida em relacionamentos com a natureza, privilegiando a oralidade, o pertencimento (intimidade com o mundo) e o deslocamento antropocêntrico: assentamento do biocêntrico (SANTOS; LAGE, 2019).

Assim, as epistemologias no Agreste nos provocam a mudar nosso olhar viciado, hipnotizado pela lógica produtivista, utilitarista e esgotadora do solo. Essas epistemologias, que são saberes ancestrais, produzem estranhamentos e, assim, possibilitam-nos enxergar de maneira destoante da eficácia e eficiência costumeiras. É uma forma de descolonizar o olhar patriarcal, dualista, opressor e, dessa forma, olhar agora com outra visão de mundo. O trabalho direto com a natureza produz saberes históricos e milenares, acumulando, de modo arquissecular, conhecimentos:

O movimento do corpo é pedagógico e se faz em um diálogo de saberes no encontro de culturas. As Epistemologias do Agreste trazem práticas cotidianas como práticas contra hegemônicas, abordando a dimensão ecológica da vida, de conquistas populares em territórios do saber. E, assim, as mestras e mestres da oralidade vivem suas vidas, criam seus saberes, compartilham suas lutas, transformando o mundo e escrevendo suas histórias, trazendo sua ancestralidade, ensinando na reciprocidade, os saberes ancestrais da Mãe-Terra (SANTOS, 2017, p.301).

As Epistemologias do Agreste referem-se às condições de produção dos significados, cujas espacialidades, temporalidades e associações dos saberes tecidos no cotidiano servem de cenários, de terrenos favoráveis às leituras de mundo que esses sujeitos foram elaborando e recriando todo o tempo. Estas bases compreensivas são fundamentais para aprofundar a formação das visões de mundo de uma determinada cultura ou população na perspectiva da elaboração das pedagogias da produção do viver (Arroyo, 2012).

Dito isso, aprofundando mais nessa perspectiva de Epistemologia agrestinas; podemos pensar nos povos que vivem nas serras dessa região. Ao nosso modo de ver, é importante refletir, pesquisar e compreender as relações humanas sob complexas interações com as serras no contexto do Agreste pernambucano, tanto para se cuidar desses ambientes, quanto para reconhecer, aprender e reafirmar identidades territoriais de indígenas, quilombolas e diferentes comunidades que vivem nesses ambientes, como benzedeiros parteiras, raizeiros, rezadeiras, agricultores(as) hare krishnas.

As ocupações das serras ocorrem por vezes ocasionais, como refúgios ou persistindo em modos de resistências permanentes. Refletir sobre a importância destes espaços, considerando as sociodiversidades e as significâncias envolvidas nestas relações é uma forma de se pensar em pesquisas e atividades extensionistas engajadas com saberes populares e ecológicos, assim como uma forma de trazer para a pauta acadêmica a importância desses ambientes para o equilíbrio ecológico da região.

Por exemplo, na Serra do Ororubá, que fica em Persqueira - Pernambuco; temos os povos Xucuru do Ororubá. O professor Edson Silva (2017) publicou um livro - a partir de sua tese de doutorado - sobre memória e história dos Xucuru do Ororubá. O autor aborda diversos aspectos e memórias de vida do povo Xucuru.

Ao trazer a história de “Seu” Gercino, o autor registra:

Era morador na Aldeia Pedra d’Água, local considerado sagrado, onde, no início dos anos 1960 ocorreu, com a participação Xucuru, uma ocupação promovida pela Liga Camponesa, violentamente reprimida pelas forças golpistas de 1964. Nas mobilizações dos Xucuru do Ororubá pelas suas terras, no início dos anos 1990, com a participação de “Seu” Gercino, Pedra d’Água foi a primeira área a ser retomada de posseiros que estavam desmatando a localidade. E, por isso, o local se tornou um marco na organização e mobilização indígena nas retomadas de terras em poder dos fazendeiros e na reivindicação pela demarcação oficial do território. Com a demarcação das terras, em 2001, “Seu” Gercino viu a concretização do sonho tão esperado, que vem possibilitando a fartura, o vicejar da vida, a dignidade e uma nova etapa na história do povo Xucuru (Silva, 2017, p. 29).

Neste fragmento pode-se perceber diversos aspectos relacionados, também, a práticas educativas ancestrais, tais como: resistência, luta por direitos, luta pela terra, utopia, etc. São aspectos que fazem parte, por meio de nossa tradução, das Epistemologias do Agreste.

As serras têm uma produção de sentidos e significados. Os povos que vivem nesses locais tem uma relação ancestral e sagrada com esses espaços. Para os Xucurus, por exemplo, é um sistema espiritual de seu povo, por exemplo, há, como eixo principal na comunidade, a pedra do mestre Ororubá. Patambémra diversos outros povos que vivem nesses ambientes, as serras representam, o espaço no qual acontece a agricultura ancestral, a relação com as águas, etc.

Tanto os povos da Serra dos Cavalos, quanto da Serra do Ororubá trazem saberes e epistemologias que se conectam com temáticas muito importantes e atuais, tais como: a saúde planetária, medicina popular, recuperação/regeneração de áreas degradadas, educação

ambiental ancestral, manejo sustentável, agricultura orgânica, agroecologia, etc. Essas epistemologias, as quais chamo de Epistemologias do Agreste, ensinam uma forma de produzir cuidados: com os corpos, corpo humano, corpo dos rios, corpo das árvores, etc. As próprias rochas, vistas em muitos desses locais como espaços sagrados, são, ainda, indicadores da saúde do ambiente. São epistemologias tecidas por meio da cultura popular, da ancestralidade, da cultura dos encantados.

Essas populações serranas têm uma produção de sentidos e significados constituídos de ressignificações contínuas perante os desafios de estiagens prolongadas, de ameaças de invasores das terras e de tentativas de expropriação dos seus saberes ancestrais. Os povos que vivem nesses locais têm uma relação ancestral e sagrada com esses espaços. Para os Xucurus, por exemplo, é um sistema espiritual de seu povo; há, como eixo principal na comunidade, a pedra do mestre Ororubá. Para diversos outros povos que vivem nesses ambientes, as serras representam espaços como territórios, isto é, como espacialidades com sentidos amplificados em que acontecem o cultivo da terra e os cuidados com as fontes das águas sob a inspiração dos “encantados de luz”, dos ancestrais, que continuam povoando o orientando o plantio e as tensões internas, revelando-se pelas falas emblemáticas da natureza.

Tanto os povos da Serra dos Cavalos, quanto da Serra do Ororubá, trazem saberes e epistemologias que se conectam com temáticas importantes e atuais, tais como: a saúde planetária, medicina popular, recuperação/regeneração de áreas degradadas, educação ambiental ancestral, manejo sustentável, agricultura orgânica e agroecologia. Essas epistemologias, as quais chamamos de Epistemologias do Agreste, ensinam uma forma de produzir cuidados com os corpos: corpo humano, corpo dos rios, corpo das árvores e corpo da comunidade em razão dos laços de pertencimento, de parentela. As próprias rochas são vistas como espaços sagrados, pois, passam a ser consideradas como indicadoras da saúde do ambiente e de lugares de comunicação com os encantados, mediante os rituais anuais e também os extraordinários, quando há tensões que ameaçam a unidade da comunidade. São epistemologias tecidas por meio da cultura popular, da ancestralidade e das contribuições dos encantados.

As serras são também territórios de conflitos, nos quais acontecem relações de poder. Há disputas por territórios, explorações e relações conturbadas. Aproximadamente 17% do território brasileiro é formado por serras e estas são expressivamente exploradas (a exemplo da mineração, que transforma as serras em pó), nas quais boa parte das riquezas naturais está virando mercadoria por meio de uma lógica de exploração do capital voraz (Marques, 2021).

Contraopondo a essa lógica, as Epistemologias do Agreste produzem saberes outros que, além de resistir à exploração, podem ser caminhos para importantes transformações na direção de práticas mais ecológicas, emancipadoras e inspiradoras de uma civilização biocêntrica.

Destacamos, também, no agreste pernambucano, os povos ribeirinhos que margeiam o rio Ipojuca, entre outros, encontram-se as louceiras. Há, no bairro do Alto do Moura - Caruaru, PE, muitos(as) artesãos e artesãs da arte figurativa em barro: bairro predominantemente artesão na cidade, o Alto do Moura, atualmente, reúne mais de mil artesãos(ãs) em barro.

Tradicionalmente, os homens tiveram maior reconhecimento do que as mulheres. Entretanto, grupos de mulheres estão a fazer movimentos em prol de reconhecimento. Neste sentido, remetem-nos às lentes interpretativas do pensamento feminista em termos de mobilização no processo de luta pela igualdade de gênero. As movimentações e pautas das mulheres também são produtoras de saberes e conhecimentos que fortalecem, significativamente, a luta contra-hegemônica.

Muitas mulheres ficaram invisibilizadas no processo de reconhecimento, como se fossem sombras de seus maridos na produção das peças de barro e restritas às funções domésticas. Não aceitando essa posição, muitas artesãs transformam essas situações, criando grupos de mulheres, de economia solidária, artesanato feminino e, a partir dessas ações, vão conquistando seus espaços sociais. Muitos homens são considerados mestres; no entanto, têm-se verificado a organização das mulheres que também lutam por esse direito e já começam a ser reconhecidas como mestras. Esse aspecto é fundamental, pois, partindo do pressuposto de que o machismo é estrutural, então, ele também se encontra em coletivos populares e de resistência. Assim é por meio de tais atitudes que, cada vez mais, o machismo será transformado e os movimentos sociais de (mulheres) estarão mais próximos de seus ideais de justiça social e de equidade de gênero.

Dito isso, cabe salientar que esses sujeitos diversos, situados no Sul global, tecem suas epistemologias e saberes e trazem outros paradigmas, com visões comunitárias. Dentre alguns achados importantes dos sujeitos que tecem as Epistemologias do Agreste, apresentamos, agora, as falas de alguns sujeitos que demonstram a perspectiva comunitária como expressão de suas cosmovisões e como um modo de produzir significados e saberes neste Sul Global. No horizonte do reconhecimento dos saberes produzidos nesta porção do agreste pernambucano, interpretamos com base no método do caso alargado as contribuições desses sujeitos, o que traduz a nossa compreensão de epistemologias agrestinas.

O raizeiro Alberto fala da importância de se pensar no outro, de se preocupar e cuidar dos outros: “Em primeira mão, a gente sempre zelar mais os outros do que a nós. O que é mais necessário é isso aí” (Raizeiro Alberto, Diário de Campo: 25/06/2016).

A expressão: “sempre zelar mais os outros do que a nós”, demonstra um pensamento que é diferente da lógica capitalista de exploração do outro para o crescimento próprio. A percepção de mundo que o Raizeiro Alberto traz, reporta-nos a Santos (2010, p.45) ao afirmar a “descontinuidade com a visão moderna de epistemologia”. E continua: “Essas iniciativas, movimentos e lutas são animados por um ethos redistributivo, no sentido amplo da expressão,

o qual sugere a redistribuição de recursos materiais, sociais, políticos, culturais e simbólicos” (Santos, 2010, p. 51).

As Epistemologias do Agreste caracterizam-se pelos processos de circulação e partilha de saberes que acontecem na vida, como destacamos a partir de Fals Borda (2010), são sentipensantes - na prática da troca e da (re)distribuição que acontece na vivência comunitária.

A Parteira Marlene fala sobre questões relacionadas à vida em comunidade e, assim, traz mais consistência para as Epistemologias do Agreste:

Para o bem-estar da comunidade sempre a gente tem que estar vendo isso, porque muita gente só olha para si, mas não deve ser assim. A gente tem que viver como comunidade e ver como estamos nos comportando. Então, tem que ter união entre as pessoas. Tem que participar de reunião. Isso é para ver o que deve fazer sobre a cultura popular (PARTEIRA MARLENE. DIÁRIO DE CAMPO: 03/08/2016).

No depoimento de Marlene, percebemos características das lutas dos movimentos sociais. Essas características estão presentes no que ela descreve como cultura popular que, para ela, tem as seguintes características: “Para o bem-estar da comunidade”, “porque muita gente só olha para si, mas não deve ser assim” e “Então, tem que ter união entre as pessoas”. A cultura popular é um conceito potente nas Epistemologias do Agreste. Percebemos que existem diversos saberes pelo mundo que apontam para uma direção mais igualitária e redistributiva. Talvez esse seja um dos motivos para Santos (2010) afirmar que “a diversidade do mundo é inesgotável” (SANTOS, 2010, p.51).

Marlene também destaca os saberes do “ser Parteira”, nos diz que essas mulheres se tornam parte da família da parturiente. Explica que a Parteira vive para cuidar das mulheres gestantes e, assim, contribuir, de alguma forma, para essas mulheres e, por conseguinte, para a comunidade: “Assim, porque eu acho que a Parteira, ela leva uma confiança muito firme para a pessoa que está esperando quem vai fazer o parto dela e, ao fazer, torna-se pessoa mais próxima da família”(Parteira Marlene. Diário de Campo: 03/08/2016).

A benzedeira Antônia apresenta a perspectiva de luta no seu dia a dia. Ela, diariamente, ajuda as pessoas, benzendo-as e aconselhando-as: “Então, eu faço para qualquer um, precisou, é filho, é neto, é estranho, se chegar aqui em casa é bem recebido; o bem eu faço para qualquer um e assim eu vivo. É a minha missão” (Benzedeira Antônia. Diário de Campo: 13/06/2016).

Tanto nas falas de Marlene como de Antônia alguns destaques fazem-se necessários: a) a postura comum de prontidão, de doação de si às outras pessoas, independentemente, se são membros ou não da sua comunidade de pertença. O que é mais significativo é a potência da necessidade trazida, da dor exposta que, de per si, clama por iniciativa e intervenção proativa; b) a autoidentidade de cada uma é pronunciada: “... eu faço para qualquer um e assim eu vivo. É a minha missão”. O termo missão pode ser entendido como predestinação no sentido religioso, como também pode ser compreendido como modo de ser e estar no mundo, como um fio condutor de se colocar no mundo, caracterizando autorretrato de si mesmo e do seu

itinerário existencial e social; c) a presença da ancestralidade e da oralidade, a saber, o primeiro remete à fonte geradora do conhecimento. Esses saberes são transmitidos de geração em geração, cuja autoria é indefinida e passa a ter uma penhora coletiva enquanto origem e enquanto alcance desses saberes, pois, a fonte e o destino são comunitários e não de uma autoria personalizada. Em relação à oralidade, trata-se do modo de elaboração, de fixação e de transmissão desses conhecimentos: tudo se dá de modo oral, verbal; nada escrito, grafado, mas de caráter testemunhal. É a própria comunidade que atesta a transmissão e cunha a legitimidade da função social desses serviços prestados por essas mulheres parteiras e benzedadeiras.

Nesta perspectiva, o HK Dhira, em suas memórias e experiências de vida, cita o Ajurí: prática comunitária tradicional do interior do Amazonas, na qual uns ajudam os outros em diversos mutirões. HK Dhira citou o Ajurí ao relatar como era sua infância na floresta. Ele falou sobre isso quando foi perguntado se poderia falar um pouco sobre suas memórias de vida e os saberes que aprendeu durante a vida. O Ajurí foi um saber que marcou HK Dhira; apesar de ser uma prática amazonense, se associou e se inseriu nos saberes do Agreste pelas próprias ações e memórias de HK Dhira, que busca uma vida comunitária na qual possa haver cooperação.

A prática do Ajurí dialoga com o que Gandhi (1997) apresenta como um trabalho voltado para o bem-estar dos outros. O autor, ao explicar alguns termos em sânscrito como, por exemplo, Yajna (ofício sagrado), traz interessantes contribuições para as Epistemologias do Sul dentro dessa diversidade de saberes do mundo: “Yajna significa um ato voltado para o bem-estar dos outros (...)” (Gandhi, 1997, p. 77).

HK Dhira explica que, no interior do Amazonas, as pessoas trabalham de maneira comunitária: “Era o Ajurí, o mutirão. Todas as pessoas da região vinham, pessoas que às vezes a gente nem conhecia”. Conclui dizendo que “As pessoas tinham muita satisfação, era um lugar muito feliz por causa disso, tinha muita oportunidade de cada um com sua plantação toda organizada, porque todos ajudavam, isso era muito interessante” (Hk Dhira. Diário de Campo: 20/10/2016).

Adiciona-se a isto, a contribuição do agricultor Osório da Serra dos Cavalos: “a terra tem os seus segredos dados por Deus”; “Da terra, nós extraímos os alimentos, as verduras, os legumes e também a sabedoria porque a terra tem o seu tempo, os seus segredos e nos ensina a admirar, a olhar como Deus faz tudo com sabedoria. É uma ciência dada por Deus mesmo...” (Agricultor Osório. Diário de Campo: 10/06/2016).

Os senhores Dhira e Osório traduzem-nos a familiaridade com os saberes da terra: no primeiro, atesta que o cultivo da terra é tarefa coletiva e não de usufruto unilateral, de exploração individual e exclusivo. A terra, nessa perspectiva comunitária, evoca participação ampliada no trato cuidadoso e na organização das tarefas, caracterizando-se pela entreatajuda, pela complementaridade; para o Sr. Osório, a terra é uma fonte de auto-sustentação e de

sabedoria: enquanto produção de alimentos, as famílias são nutridas e as forças refeitas. Ao mesmo tempo, que a relação com a terra é equivalente a um texto escrito, agora, produzido pela “ciência que é dada por Deus mesmo”. O cultivo da terra para esses sujeitos camponeses é fonte de lições de vida: perceber e refletir os sentidos da temporalidade, da capacidade humana de espera, porém, ao largo de passividade, numa atitude de observação atenta e miradora de interações e de intervenções.

Na convivência com esses autores agrestinos, observamos que há um cruzamento das capacidades do laborar a terra com as de interpretar a vida e de lidar com a convivência humana. O manuseio da terra é herança dos seus pais e avós e, ao mesmo tempo, fruto da disposição de aprender repetindo, recriando e “esperando” pelo tempo das respostas da terra relacionado com as intensidades de chuva ou de sol. Soma-se a isto, a capacidade de estabelecer analogias em como lidar com a educação dos/as filhos/as, os conflitos intergeracionais e como enfrentar com equilíbrio as crises familiares e com vizinhos à luz dos ritmos do plantio e da colheita em um tempo previsto ou retardado e/ou até frustrante. A paciência histórica, porém não passiva, mostra-se sedimentada pela observação da natureza, especialmente, do trato com a terra, eivada pela fé religiosa numa divindade que não se (des)cuida das atividades e das adversidades humanas que eles enfrentam.

As Epistemologias do Agreste podem ser percebidas como fluxo e movimento de potencial transformador. Isso propicia a metamorfose de um possível estado individualista para o estado que propicia o fluxo do encontro relacional direto com o outro. Podemos dizer que, nessa visão de mundo, ao invés de cada um cuidar de sua casa e de seu plantio, todos(as) auxiliam na casa e no plantio de todos(as). Isso demonstra relacionamentos em um cotidiano de trocas e complementaridades.

Epistemologias agrestinas e educação popular

Nesta rota reflexiva, visamos dialogar com esses saberes outros, aprender com eles e proporcionar reflexões e vivências pedagógicas que conectem a teoria com a prática. São saberes “ensinantes” e “aprendentes” (Fernandes, 2011).

Segundo Arroyo (2012), mostra-se urgente o repensamento das educações, especialmente, a educação popular ao deixar-se questionar ao “(...) reconhecer com um olhar positivo essas pedagogias de libertação/emancipação, que saberes, culturas e identidades são produzidas nas diversidade de lutas por libertação/emancipação”(2012, p. 15-16).

Significa que a Educação Popular ao (re)visitar-se constantemente, impõe a si mesma a precípua tarefa de “reconhecer que [há] povos que têm outras pedagogias produtoras de saberes, de modos de pensar, de se libertar e humanizar que desestabiliza a própria autoidentidade da pedagogia hegemônica”(Arroyo, *idem*, p.30).

Ao pôr em destaque algumas características das Epistemologias do Agreste pernambucano, com os seus modos próprios de inteligir o mundo, o conjunto das relações, as produções de saberes e as suas feições específicas de autoexpressão, algumas contribuições e inquietações são produzidas quando relacionadas com a Educação Popular numa perspectiva crítico-transformadora e emancipatória dos sujeitos sociais:

As epistemologias agrestinas despontam amplificações das contextualidades que cimentam as proposições da Educação Popular. Comumente, os contextos propiciadores para a formação dos sujeitos da base da pirâmide social são interpretados pela chave da luta de classes e da cultura popular. Ao escutar os sujeitos agrestinos, em suas cosmovisões e modos próprios de produção de saberes, outras dimensões se somam e se apresentam definidoras: a noção de temporalidade/espacialidade, as sabedorias oriundas do cultivo da terra e da relação com o sagrado. Deste modo, essas epistemologias demandam dos/as que refletem as contextualidades da educação popular e da Educação de Jovens e Adultos o alargamento do leque compreensivo de produção de saberes, de modos próprios de produzir leituras de mundo e de sensibilidades;

As Epistemologias do Agreste pernambucano produzem inquietações na educação popular enquanto convida-a a ressituar o entendimento a relação sujeito-comunidade. Em geral, dá-se pelo viés imediato de teor político, com uma linguagem das ciências políticas e não pelo caminho da sensibilidade, do pertencimento do território afetivo que efetiva, de fato, a ligação em termos de consideração, de apreço e de cuidados recíprocos. Este aspecto é bastante relevante, pois, trata-se de enfraquecer por dentro a ideologia neoliberal do individualismo, além de afastar-se de um Nós universal, abstrato e pouco comunicante das relações que sublinham o cotidiano dos sujeitos sociais. O cotidiano adquire lugar de centralidade e de ponto de partida para perceber-se o entrelaçamento sujeito-comunidade.

Por fim, as Epistemologias do Agreste sugerem aos teóricos da Educação Popular reconhecimentos mais radicais dos lócus e dos sujeitos produtores de conhecimento. Costumeiramente, situamos os espaços/tempos de produção do conhecimento por regiões, muito mais em se tratando do Brasil em sua extensão continental. Ao evidenciar o agreste de Pernambuco, localizado no Nordeste brasileiro, fazem florescer as dobras e as sutilezas do imaginário social no interior plural do Estado pernambucano. Põe em relevo não só as especificidades geográficas, topológicas, mas, sobremaneira, os modos próprios dos sujeitos que residem nesse território de configurar suas performances de integração, de interpretação, interatividade e de intervenção. Trata-se, portanto, de dois aspectos relevantes: as condições reais que a vegetação, as águas, o relevo e as circunstâncias climáticas dispõem e as subjetividades sociais que a inter-relação seres humanos e os seus condicionantes possibilitam, obstaculizam e, dinamicamente, estruturam os modos de relação, os desenhos do passado, do presente e do futuro e as formas de organizar sentidos, significados e saberes. Nessa perspectiva, não nos basta tão-somente, aferir as diferenças e identidades através de blocos

regionais; impõe-se um novo desafio: pedagogias e sujeitos outros que figuram formas sutis, unicidades, potenciais formativos e originalidade hermenêutica e epistemológica a serem vistos, ouvidos e dialogados.

Considerações finais

A perspectiva das Epistemologias do Agreste demonstra como a educação é heterogênea e traz múltiplos sentidos e conceitos. Pensar as Epistemologias do Agreste significa refletir sobre contextos (singulares - plurais), com as culturas vividas no cotidiano de grupos, coletivos, sujeitos, movimentos sociais que apresentam epistemologias de luta e resistência e que foram e são marginalizados e inferiorizados pela lógica colonialista, patriarcal e capitalista. Assim, esse artigo se debruça sobre as diversas histórias de ser e de estar no mundo produzindo significados e saberes.

Esse artigo abre espaço para investigações localizadas, sobre “gente comum” (Felix, 2019) e, ao fazer esse movimento, demonstra os limites e possibilidades de suas existências periféricas, marginalizadas e excluídas.

Neste sentido, buscamos provocar para nos atentarmos para as pequenas narrativas produzidas e experimentadas por pessoas comuns, em seus cotidianos. Assim, auxiliar a construir pesquisas e estudos que sejam implicados - com comprometimento com os sujeitos da pesquisa para que o conhecimento produzido possa voltar e contribuir, de alguma forma, com o grupo social, comunidade, etc. (importância da devolutiva).

Partimos de uma perspectiva de educação e transdisciplinaridade, com a aproximação da universidade com práticas culturais. Esperamos, tanto por meio deste artigo, quanto pelas práticas que desenvolvemos em nosso grupo de estudo, aproximar os(as) estudantes e a comunidade científica, ainda mais, dos saberes populares e de práticas de cuidado coletivo, construirmos modelos outros a partir de cosmovisões populares apreendidas pelas Epistemologias do Agreste.

É importante para qualquer universidade esse diálogo transdisciplinar e aproximação das universidades com seus entornos, para que essas possam “descastelizar-se”, saírem dos seus muros e, de fato, atuarem em participação com diversas outras instituições e experiências inéditas que existem na pluralidade dos brasis.

Dentro destes aspectos destacados, salientamos, também, que pesquisas nestas direções valorizam e resgatam a memória local. É através da memória que construímos nossa identidade e nossa diferença e, assim, podemos entrar em contato com a ancestralidade. Para pensarmos em uma educação emancipadora, temos que estar permeados pela memória/ancestralidade. Isso possibilita ressignificar leituras de vida, modos de aprender e de ensinar, referenciais axiológicos, produção de epistemologias outras e de diálogos interculturais. Isso contribui para descolonizar os olhares patriarcal, dualista, utilitarista e

hierárquico e tecer constructos e vivências de uma educação sentipensante e popular que se abre e se revisita diuturnamente.

Assim, essas reflexões ensinam trazer uma perspectiva de tecer conhecimentos que circulam de forma transformadora nas populações. Podemos dizer sobre uma descolonização epistêmica, passando de uma lógica colonial para o entendimento de que muitos mundos coexistem e interagem. O imaginativo popular é inventivo, dançante e fluido, abarcando diferentes temporalidades, percepções, criatividade e sentidos que acontecem no cotidiano.

A presença das Epistemologias do Agreste constitui-se em ferramenta fundamental para se entender, traduzir, interagir e intervir de modo dialógico e democrático com o conhecimento, cujos lugares de enunciação e interlocutores originam-se em diferentes idades, situações e de formas associativas diversas, que constituem e transversalizam as dimensões da vida que se mostram em saltos e constantemente surpreendentes.

A cultura de cada comunidade é meio de conceber o universo através do falar/cantar, do plantar, curar, da corporeidade - corpo que dança e se comunica. Dessa forma, esse artigo, contemplando conhecimentos outros, suscita memórias, saberes, oralidade, ancestralidade, aprendizados; é uma maneira de mostrar a importância dos diversos saberes existentes pelo mundo e de que a educação pode ser instrumento de partilha e de valorização dos mesmos.

Agradecimentos

A todos(as) os mestres e mestras da cultura popular.

Financiamento

Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE).

REFERÊNCIAS

- Arroyo, M. G (2012). *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.
- Brandão, C. R. (1994). *Somos as águas puras*. Campinas, SP: Papyrus.
- Da Matta, R. (1978). Ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues. In: Nunes, E. (org). *A aventura sociológica*. RJ: Zahar.
- FALS BORDA, Orlando. *Uma Sociologia sentipensante para América Latina*. Bogotá, CLACSO/Siglo del Hombre Editores, 2009.

- Felix, J. (2019). Estudos Culturais e os Estudos de Gênero: diálogos, aproximações e distanciamentos. In: Gonçalves, C.; Andrade, F. *Pelas Fretas: Pesquisas em Estudos Culturais da Educação*. Editora CRV, Curitiba.
- Gramsci, A. (2020). *Odeio os indiferentes, escritos de 1917*. Tradução Daniela Mussi, Alvaro Biachi. 1. ed. São Paulo, Boi tempo.
- Gandhi, M. (1997). *Minha Missão: Ética, Política e Espiritualidade*. Rio de Janeiro: Multiletra.
- Lage, A. (2013). *Educação e movimentos sociais: caminhos para uma pedagogia de luta*. Recife: Ed Universitária da UFPE.
- Marques, J.; Zenha, L.; Monta, P. (2021) *Amputação das montanhas do sertão: ecocídio e mineração na Bahia*, v. 2. Paulo Afonso, BA: SABEH, 2021.
- Santos, B. S. (2010) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez.
- Santos, B. S. Os Conflitos Urbanos no Recife: O Caso do "Skylab". In: *Revista Crítica*, n. 11, maio, pp. 9-59. Coimbra: CES, 1983.
- SANTOS, Otávio A. Chaves Rubino dos. *Mestras e mestres da oralidade: ensinam-nos os saberes ancestrais da Mãe-Terra*. Dissertação de mestrado; Universidade Federal de Pernambuco, Campus Agreste (UFPE - CAA); Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea. 2017.
- SANTOS, Otávio A. Chaves Rubino dos; LAGE, Allene Carvalho. Educação e saberes populares: a ancestralidade de mestras e mestres da oralidade. *REVISTA DE EDUCAÇÃO POPULAR*, v. 18, p. 209, 2019.
- SANTOS, Otávio A. Chaves Rubino dos; FERNANDES, Everaldo. NICOLAU, Ivan. *Ecovilas e educação sentipensante: Saberes e educação popular na Ecovila Vraja Dhama domovimento Hare Krishna*. *EDUCAÇÃO (SANTA MARIA. ONLINE)*, v. 46, p. 1-27, 2021.
- Silva, E. (2017). *Xukuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1959-1988 / Edson Silva*. 2.ed. Recife: Editora UFPE. 2017.